

Saúde é mal-equipada na Serra

ADIS 624

Uma vitória feita ontem, pela manhã, em alguns postos e no Centro de Saúde da Serra, por uma das representantes da Federação da Associação dos Moradores da Serra (Fams), Brice Bragato, constatou o péssimo serviço de atendimento à população do município:



Maria: sem ficha — Evonete: espera

faltam equipamentos, remédios, materiais de primeiros socorros e profissionais da área média. A reportagem de A GAZETA acompanhou a vitória e comprovou o quadro negro em que se encontra a saúde no município.

O posto médico de Boa Vista foi o primeiro a ser visitado. Ele funciona em apenas dois cômodos: uma sala de espera e um consultório. O médico que trabalha no posto, Jansen Cuzul, está há cinco anos no local e há 11 na Prefeitura Municipal da Serra (FMS). No consultório, todos os objetos são improvisados e foram doados pela comunidade: uma maca formada por dois cavaletes e uma tábua, uma cômoda, três prateleiras pequenas de madeira, onde estão colocados os remédios, e uma carteira escolar que é utilizada pelo médico.

Jansen Cuzul não esconde que o problema sempre existiu. Conta que recebeu a promessa de ter uma maca desde que está ali. "No início, eu ainda acreditava que não existiam recursos para resolver o problema, mas agora vejo que a saúde realmente está relegada a um segundo plano". Para atender uma média de 15 pacientes diariamente, nas quatro horas de trabalho, ele utiliza seus próprios equipamentos, desde do nebulizador até o aparelho de pressão.

Ironia

Ironizando a própria situação de trabalho, o médico revela que não recebe nenhum material básico de atendimento. Durante os últimos cinco anos, ele conta que só recebeu uma única remessa de medicamentos. Não costuma encaminhar os pacientes para exames porque não sabe para onde mandá-los. A situação do posto médico de Boa Vista ultimamente se tornou ainda mais complicada em consequência da invasão ocorrida recentemente nas proximidades. O médico deixa claro que pelo menos umas 10 pessoas deixam de ser atendidas diariamente por falta de um outro profissional no posto, já que ele funciona somente pela parte da manhã.

O posto médico do bairro Eurico Salles não apresenta nenhum desses problemas, isto porque nem funcionando se encontra. A representante da Fams, Brice Bragato, considera este fechamento um "desrespeito à população". Segundo ela, este posto só deveria ter sido fechado depois que estivesse funcionando o novo posto de Bairro de Fátima, que fará um atendimento regionalizado da saúde, englobando os bairros de Eurico Salles, Hélio Ferraz e Carapina.

Já o posto médico de Bairro de Fátima só funciona na parte da tarde, às 15 horas. Na manhã de ontem, o posto se encontrava com suas portas fechadas. O posto de Bairro de Fátima, na realidade, funciona dentro de uma igreja que parece estar desativada. Com parte de suas vidraças quebradas, ele tem no seu interior quatro bancos que deveriam pertencer a igreja, três cadeiras e uma pequena mesa.

Pior situação

O único centro de saúde do município que está ligado ao Estado e que pertence às Ações Integradas de Saúde (AIS), em Carapina, se encontra em péssimas condições de funcionamento. Não se sabe explicar como, funcionando em três turnos, o centro atende uma média de seis mil pessoas por mês. Construído abaixo do nível da rua, quando chovê o acesso ao local se torna uma verdadeira aventura: fica tudo alagado.

A médica Heloísa Lena Alvarenga Coelho declara que a situação é caótica. Ela conta, inclusive, que esses problemas vêm desde a época do secretário Douglas Puppim. "Estivemos reunidos — a Comissão de Ética do Centro de Saúde — com o secretário da Saúde, Gilson Caroni, e ele se mostrou sensibilizado com os problemas que estamos enfrentando. O engenheiro da Sesa, inclusive, achou melhor derrubar o centro e construir um outro, do que reformá-lo. Agora, nós queremos um prazo para que isso aconteça", declara a médica.



Tudo é improvisação nos dois cômodos do posto de Bela Vista



No Bairro de Fátima, a situação do posto não é das melhores

Dos dois consultórios de odontologia que funcionam no local, um se encontrava fechado e outro apresentava uma série de problemas. Com as aberturas no tecto, o consultório estava completamente empoeirado, faltava água, não havia materiais básicos, as lâmpadas estavam queimadas, o aparelho equipodentário estava com a cuspeira entupida e o motor de baixa rotação não funciona desde que foi implantado. Como trabalhar nessas condições?

A dentista de plantão, Eulália de Souza Bastos, há 10 anos no Centro de Saúde de Carapina, conta que as vezes o consultório é fechado por até três meses. "Esses dias a gente não tinha nem álcool para trabalhar. É comum faltar também anestesia, e a manutenção dos equipamentos nunca existiu". A médica explica que o consultório dentário só oferece um ti-

po de trabalho: a extração. Ela resalta também o risco que corre fazendo extração de pacientes com a quantidade de poeira no local.

Maria das Graças Oliveira estava no centro de saúde de Carapina desde às 7 horas, esperando uma consulta para seu filho de oito meses. Residente em Bairro de Lourdes, ela deixou claro que, apesar de não ter conseguido a ficha para o atendimento, ficaria aguardando no local até às 13 horas. Diz que já está habituada ao "sufoco".

Quem também estava aguardando desde às 7 horas era Evonete Rocha de Lima. Tinha conseguido uma ficha para as 10 horas, mas até às 11h30m ainda não tinha sido atendida. "Estou esperando para arrancar um dente que tem doído pra cachorro. E só vou para casa depois que for atendida", revela a paciente.

Saúde é mal-equipada na Serra, A Gazeta
Vitória, 19 ago. 1987. p. 7. 4 cad. c. 3, 4, 5 e 6.